

20. O pão ázimo da Eucaristia

Dou um exemplo de como a memória de Cristo faz saborear a vida, que para mim foi e será muito significativo. Em fevereiro de 2015 preguei os Exercícios Espirituais para sacerdotes, e participou um jovem graduado em física, que no final destes Exercícios entrou no seminário de Barcelona. Dez dias depois, porém, dia 21 de fevereiro de 2015, Marcos Pou Gallo morreu em um acidente.

No dia depois do fim dos Exercícios e a entrada no seminário, Marcos escreveu-me um e-mail onde, entre outras coisas, dizia: «As suas palestras já estão me acompanhando nas primeiras dificuldades no seminário. De repente, enfrento com uma perspectiva mais positiva; reze para que continue assim. Como hoje de manhã, quando sai do banho, tinha apenas 2 minutos de água quente, e meu quarto é o polo norte. Então sai do banho às 6h45 da manhã, com uma reação, primeiramente, de raiva, mas naquele momento lembrei-me das "paciências" e veio em mente esta palavra, como se o próprio Cristo me dissesse: "Mas não querias Me dar tua vida? E isto não faz parte da maneira para me dar?", e vivi com gosto.» (12.02.2015)

De onde veio a oportunidade, a experiência de viver com gosto o primeiro detalhe desagradável da manhã, que geralmente, para as pessoas "normais", isto é, para cada um de nós, pode acabar com o dia inteiro, causando mau humor, tornando-nos impulsivos no desejo de "vingança", contra tudo o que nos virá encontro? Não foi um esforço de boa vontade, nem uma dolorosa conformação, mas foi um estalo de memória de Cristo, formada pela sua família e comunidade, trabalhando sobre no que nos diz a Igreja (que neste caso, passou também pela minha palestra sobre a paciência cristã), mas, sobretudo, exercitada como memória de Cristo presente. Cristo, portanto, não somente evocado, lembrado, como exemplo de vida, mas presente, naquele momento, "saindo do banho", no quarto congelado. A palavra que o chama ao sentido daquela circunstância, Marcos a ouve de Jesus em uma linguagem direta, de Jesus que está presente ali e lhe fala. E o que o chama à esta memória viva de Cristo? A vocação e a liberdade; sua liberdade que aspira dar-se a Cristo, a sua liberdade, seu coração, atraídos por Cristo morto e ressuscitado, por Cristo, único que vence a morte com uma vida ainda maior, a começar pela "morte" de um fato desagradável que, normalmente arruína, muito ou pouco a vida, a vida readquirida ao se levantar pela manhã. A memória de Sua presença significativa, ou seja, a propor uma verdade para nossa vida, coloca em sintonia a nossa liberdade com a vocação, o desejo do nosso coração com o chamado a dar a vida por Cristo.

E isto faz desencadear o gosto da vida – "...e vivi com gosto" – nos dá a possibilidade de viver cada circunstância como um bem para nós e para Cristo, isto é, para o mundo todo. O gosto da vida é uma experiência alegre, que nos foi dada para compartilhar com a presença de Jesus.

No fundo, se trata mais de deixar-se tocar do que se doar, pois no doar-se existe sempre um nosso projeto, nunca puro do desejo de auto realização, que é ilusório e irreal, pois não fomos criados para nós mesmos.

E aquela insatisfação que muitas vezes experimentamos considerando nossa atual situação, como por exemplo na comunidade, no dever que nos foi confiado, nos irmãos e irmãs com quem devemos conviver, talvez faz parte da purificação de nossa liberdade, para que se abandone como um barco a vela, ao vento do plano de Deus. Depois Deus, realizar seu plano, também grande (e se for Seu sempre é), nas pequenas coisas, nas coisas que "não são", como diz são Paulo, dos membros da comunidade cristã (cf. 1 Cor 1,27-29).

Conheci este ano Pe. Ibrahim de Aleppo, franciscano, que me impressionou com sua doçura, paz e alegria. Dizia que quando em Aleppo não tinha mais comida, eletricidade, água e as bombas caíam, entenderam que a única solução era se abandonar a Deus e, desde então, suas vidas foi sempre um milagre. Isto deve acontecer com cada um de nós, e não devemos nos contentar com menos disto, mas *disto*, não de algo a mais, que é apenas adição ou multiplicação do que temos ou arquitetamos. Claro, é bom todos desejarem uma vida plena e interessante, mas o nosso erro é desejar como uma fermentação de enzimas já presentes em nós, ao invés de um dom do Espírito que desce sobre a oferta do nosso abandono.

Talvez seja por isso ser necessário o pão ázimo para a Eucaristia... Quando reflito, vejo que amo, na minha vida, tudo aquilo que é "ázimo": tempo livre, longas viagens onde estou muito cansado para trabalhar, os encontros que requerem paciência ao invés de dar satisfação, ou encontros anônimos que não deixam vestígios, a oração pobre e simples dos salmos, o terço, a invocação contínua do coração, ou os trabalhos inúteis e escondidos, como preparar uma mala... É como uma oferta objetiva de vida que o Senhor nos dá, para preparar em nós e ao nosso redor o pão ázimo no qual Ele vem, o pão ázimo e sem gosto a ser transformado em Sua Presença e Caridade.

Quando rezamos o Angelus, devemos sempre pensar na pobre cotidianidade ázima que a Trindade, totalmente se envolveu com o humano. Maria vivia com esta memória da presença de Deus, dando gosto a cada instante, a partir do seu coração humilde.

Cristo dá gosto à vida transformando-a com a Sua presença, atuada pelo Espírito Santo, como o pão ázimo da Eucaristia. A maturidade não consiste em fazer mais, mas oferecer mais, nos oferecer mais, a oferecer a realidade de nossa condição humana, concebendo-a matéria de Cristo, que se faz realmente presente para redimir o mundo. O batismo já nos transformou, fez de nossa pessoa, corpo e vida, "matéria", para permitir a Cristo tornar-se presente no mundo, como Redentor. Mas é o pão ázimo que coloca em evidência o princípio da fermentação, isto é, a matéria é transformada pela mesma divina Presença.